



ARQUIMEMÓRIA 6
SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

MEMÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA: O IMPACTO SIMBÓLICO DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS NO IMAGINÁRIO SOCIAL SANTAROSENSE

*MEMORIA E IDENTIDAD COLECTIVA: EL IMPACTO SIMBÓLICO DE LOS MONUMENTOS
HISTÓRICOS EN EL IMAGINARIO SOCIAL SANTAROSENSE*

*MEMORY AND COLLECTIVE IDENTITY: THE SYMBOLIC IMPACT OF HISTORICAL
MONUMENTS IN SANTAROSENSE SOCIAL IMAGINARY*

Patrimônio, sociedade e diversidade

Tainá Letícia Piccolo

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Instituto Federal Farroupilha, taipiccolo@gmail.com

Ana Cláudia Böer Breier

Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Instituto Federal Farroupilha, ana.breier@iffarroupilha.edu.br

Fabiana Bugs Antocheviz

Doutora em Planejamento Urbano e Regional, Instituto Federal Farroupilha, fabianabugs@gmail.com

Mauricio Martini

Especialista em Master em Arquitetura e Iluminação, Instituto Federal Farroupilha,
martini.mauricio@gmail.com



ARQUIMEMÓRIA 6
SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

MEMÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA: O IMPACTO SIMBÓLICO DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL SANTAROSENSE

INTRODUÇÃO

Os últimos anos foram marcados globalmente por intervenções urbanas que contestam monumentos de figuras historicamente contraditórias, levantando o questionamento de quem está sendo representado no espaço público e se estes elementos devem ser mantidos ou retirados. Isso implica na existência de identificação ou rejeição através do significado simbólico que constitui o imaginário social da população. Em 2021, houve a proposta de alteração de um dos principais monumentos de Santa Rosa - RS, baseado em um discurso sobre representatividade, ao mesmo tempo em que o monumento em homenagem a Cristóvão Colombo, exemplar que está entre os três em tamanho real no mundo, passava por um processo de restauração. Enquanto isso, na Colômbia, outro exemplar era derrubado por manifestantes que gritavam “Colombo, assassino”. Assim, este artigo propõe uma análise sobre o monumento como elemento de memória e seu impacto no imaginário social santarosense, através da coleta de dados mediante pesquisa, levantamento em campo e questionário, buscando compreender a relação entre identidade coletiva e representatividade urbana.

O CONCEITO DE MONUMENTO: ALÉM DO MATERIAL

A raiz do monumento histórico é intrínseca ao patrimônio, numa busca pela preservação como resposta à destruição, à ausência e à transformação. No século XVIII, o surgimento desse conceito reflete o aprofundamento da sociedade na valorização do significado de uma obra, reconhecendo seu papel como um meio e um símbolo “em uma escala espaço-temporal que, inclusive, se pode fazer permanente, assumindo o valor de um recurso pedagógico” (Alves e Souza de Deus 2020). O monumento se caracteriza por sentido anterior e imutável, derivado da relação externa com alguma realidade superior ao próprio objeto, como, por exemplo, seu contexto histórico (Choay 2017). A própria Carta de Veneza define monumento histórico como o testemunho de uma civilização particular ou de um acontecimento histórico, estendendo-se às obras que tenham adquirido significação cultural com o tempo (Icomos 1964).

A presença dos monumentos influencia significativamente a orientação espacial das pessoas, podendo atuar como ponto de referência em determinado espaço urbano e induzir a formação da imagem mental (Lynch 1960), sendo uma das estruturas que sustentam a ideia de permanência/continuidade, tornando a cidade acervo da sua história, onde “as obras ganham existência efetiva através do olhar do público” (Freire 1997, 37). Esse olhar se dá através do reconhecimento e da memória coletiva, a qual “retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (Halbwachs 1990, 81-82).

Assim, o monumento histórico liga-se à manutenção de uma identidade e do imaginário social, uma vez que elementos de construção urbanos implicam uma vivência em conjunto, onde “os monumentos são um dos suportes mais nítidos e socialmente compartilhados da memória coletiva” (Freire 1997, 45). No entanto, para que os monumentos cumpram a função de consagrar as representações da memória coletiva para além da temporalidade do cotidiano, é necessário que haja um movimento de apropriação/reconhecimento por parte da população (Rocha 2022 e Serbena 2003).



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

QUE HISTÓRIA OS MONUMENTOS NOS CONTAM?

Situada no noroeste do Rio Grande do Sul, Santa Rosa é uma região inicialmente habitada pelos indígenas do grupo Tapes, sendo a partir de 1626 alvo de catequização com a chegada dos jesuítas e espanhóis, integrando o território missioneiro. Após pertencer a outros municípios, sua colonização efetiva acontece em 1915, com a implementação de um amplo plano de loteamento de terras para assentar a comunidade local, composta por mestiços e caboclos resultantes da miscigenação entre portugueses, índios e negros. No mesmo período, houve a imigração alemã, italiana e de outras etnias, sendo emancipada em 1931 (Santa Rosa 2024).

Em meio à “febre estatutária” ou “estatuomania”¹ vivida no Brasil no início do século XX, a cidade torna-se palco da cena política e busca fixar traços de identidade (Freire 1997, 242), sendo registrados os dois primeiros monumentos de Santa Rosa. O primeiro foi inserido no mesmo ano em que a energia elétrica chegou à região, em homenagem ao político José Bonifácio de Andrade e Silva (Figura 1), e o segundo foi uma estátua em tamanho real homenageando Cristóvão Colombo (Figura 2), construída na Itália e patrocinada pelos moradores em comemoração ao cinquentenário da imigração italiana.



Figura 1: Inauguração do monumento José Bonifácio de Andrade e Silva, Santa Rosa, 1922.

Fonte: Acervo municipal de Santa Rosa (2023).



Figura 2: Inauguração do monumento a Cristóvão Colombo, Santa Rosa, 1925.

Fonte: Acervo municipal de Santa Rosa (2023).

PRESERVAÇÃO *VERSUS* DESTRUIÇÃO

Em 2020, o cenário mundial teve como destaque uma série de intervenções urbanas em contestação a monumentos de personagens controversos, manifestando um posicionamento social a favor da reavaliação destes objetos no espaço público. Rocha (2022) declara que existe uma contradição na sociedade atual entre a consagração dos monumentos históricos e a perda de sua função memorialística, ressaltando que sua classificação não é obtida pelo seu propósito original, mas pela compreensão que se têm dele atualmente. Da mesma forma, Choay (2017, 20) identifica a “progressiva extinção da função memorial do monumento”, onde é substituída pela função estética e de beleza, e pelo avanço e desenvolvimento de formas alternativas de registro, chamadas memórias artificiais, através da escrita e da fotografia. Em contrapartida, Freire (1997, 162) assinala a volta do interesse pelo monumento, associado, no geral, ao debate da arquitetura ou da cidade

¹Justificado por Scarelli (2021), pois dessa forma os jornais brasileiros se referiram ao fenômeno.

como lugar de conteúdo simbólico, declarando que “preservar ou destruir são duas formas de atribuir valor”.

Como exemplo de tentativa de apagamento, têm-se a proposta de alteração do Pórtico Terra da Xuxa (Figura 3) para Pórtico Terra da Soja em junho de 2021, realizada pelo próprio autor da obra², onde coloca-se que a atriz não representaria mais o município devido a seu posicionamento em defesa aos direitos dos animais, justificando que o agronegócio é um fator base da economia municipal, e oposição política ao presidente da época. Em nota oficial, o Conselho Municipal de Política Cultural de Santa Rosa manifestou-se contrário à proposta, alegando “a importância do pórtico e do imaginário criado sobre a personagem (...), considerando as referências históricas e culturais e sua relação direta com a memória, história e pertencimento” (Keiber 2021).



Figura 3: Inauguração do Pórtico Terra da Xuxa, Santa Rosa, 2002.
Fonte: Jornal Digital GZH (2014).



Figura 4: Reinauguração do monumento a Cristóvão Colombo, Santa Rosa, 2021.
Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Rosa (2021).

Como exemplo de preservação, têm-se a restauração da estátua de Cristóvão Colombo e transferência para local de possível visitação, sendo reinaugurada em dezembro de 2021 (Figura 4), onde o Secretário de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Tecnologia comenta³: “É carregada de história, e isso para nós é muito importante”. O Prefeito Anderson Mantei complementa: “É importantíssimo, é fundamental esse resgate e essa possibilidade de nós estarmos com um exemplar, de três do mundo, aqui em Santa Rosa, nós podemos contar a história (...) dessas famílias precursoras (...) que construíram ou que iniciaram a construção do que nós temos hoje”.

A PRESENÇA E O NÃO RECONHECIMENTO

A coleta de dados baseou-se em métodos qualitativos, que permitem o aprofundamento das características investigadas, e quantitativos, que estabelecem a confiabilidade das medidas adotadas (Reis e Lay 1995). O levantamento dos monumentos históricos de Santa Rosa foi realizado através de visita *in loco*, resultando em 31 elementos, divididos de forma que 19 estão

²Gilberto Almeida, “Xuxa não me representa mais”, Facebook, 1º de junho de 2021,

https://www.facebook.com/story.php?story_fbid=4717613838253523&id=100000148618437&sfnsn=wiwspwa&_rdr.

³Gaudério News, “Reinaugurada a Praça Constantino Bortoli Local passa a contar com a estátua de Cristóvão Colombo”, Youtube, 10 de dezembro de 2021,

https://www.youtube.com/watch?v=eKINKzFpM_E&ab_channel=Gaud%C3%A9rioNews.



ARQUI MEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

localizados no Centro, 7 no bairro Glória e 5 no bairro Central (Figura 5). Isso significa que, entre os dez bairros da cidade, apenas três apresentam esse tipo de monumento. Dos monumentos citados no questionário, 7 encontram-se no Centro e 2 no bairro Central, comprovando que esta área da cidade "permanece como referência originária, quase arquetípica" e "forte no imaginário urbano" (Freire 1997, 222).

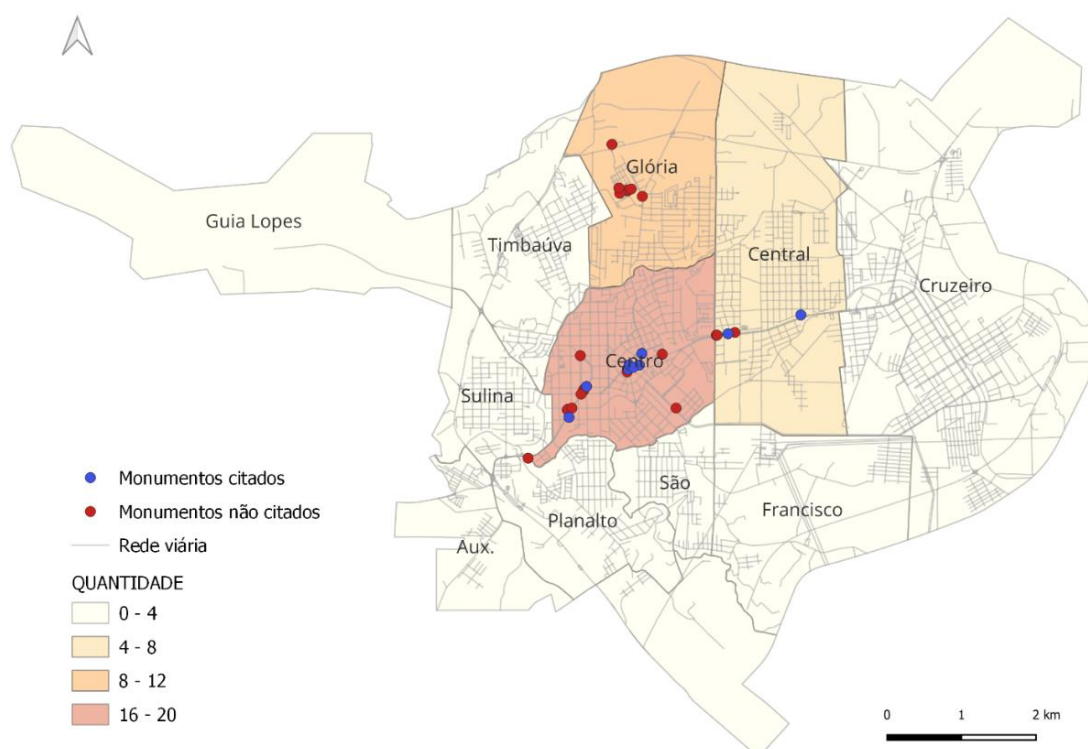


Figura 5: Mapeamento dos monumentos históricos de Santa Rosa/RS.
Fonte: Autoria própria (2023).

O questionário foi elaborado online através do aplicativo Google Forms com o objetivo de coletar informações da população residente no município e atingir diferentes bairros e localidades, contando com respostas objetivas e subjetivas sobre a percepção dos monumentos. A divulgação foi realizada no município de Santa Rosa, através da distribuição de panfletos com acesso ao formulário por código QR, em locais como o Instituto Federal Farroupilha, estabelecimentos comerciais e escolas públicas. Além disso, houve o compartilhamento online do link do formulário em grupos e redes sociais de maneira aleatória e de ocasião (grupos conhecidos e de afinidade, como o Instituto Federal Farroupilha), sendo obtida a adesão de 88 participantes, configurando-se assim a amostra final.

O público da amostra abrange moradores de todos os bairros da cidade e do interior do município, sendo 49% do gênero masculino, 49% do gênero feminino e 2% outro ou prefere não informar, conforme mostra o Gráfico 1. Quanto à raça/cor/etnia (Gráfico 2), os participantes classificam-se em 72% brancos, 25% pardos, 2% pretos e 1% outro. Quanto à faixa etária (Gráfico 3), 67% estão entre 12 e 18 anos, 16% entre 18 e 29 anos, 16% entre 29 e 59 anos e 1% possui 59 anos ou mais. Quanto à escolaridade (Gráfico 4), 2% possuem o ensino fundamental incompleto e 3% fundamental completo, 60% possuem o ensino médio incompleto e 3% ensino médio completo, 16% possuem o



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

superior incompleto e 2% o superior completo, 7% possuem pós-graduação, 5% mestrado e 1% doutorado.

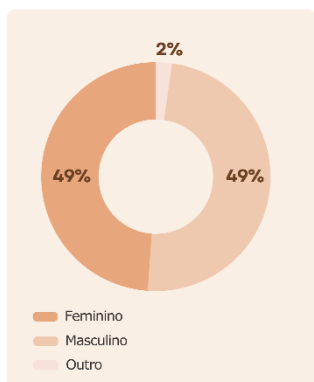


Gráfico 1: Classificação por gênero da amostra de Santa Rosa/RS.

Fonte: Autoria própria (2024).

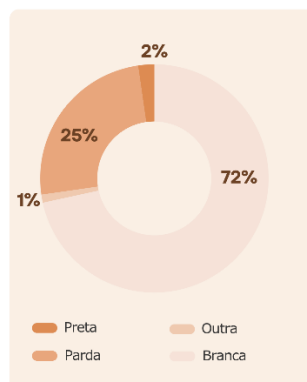


Gráfico 2: Classificação por raça/cor/etnia da amostra de Santa Rosa/RS.

Fonte: Autoria própria (2024).

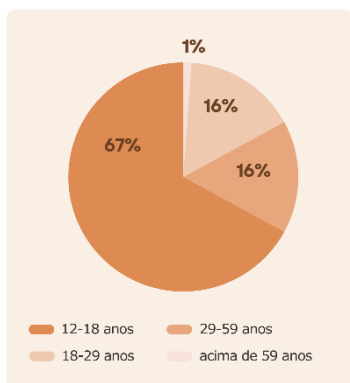


Gráfico 3: Classificação por faixa etária da amostra de Santa Rosa/RS.

Fonte: Autoria própria (2024).

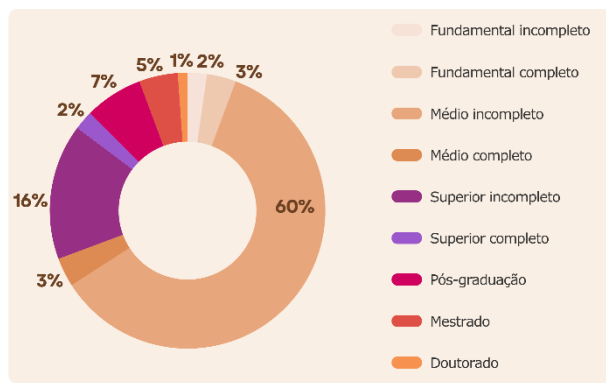


Gráfico 4: Classificação por escolaridade da amostra de Santa Rosa/RS.

Fonte: Autoria própria (2024).

Através de questões objetivas e subjetivas, os dados obtidos pelo questionário revelam a percepção sobre a presença dos monumentos no espaço público, onde 61% da amostra passa por estes elementos cotidianamente e 55% consideram importante sua existência, mesmo que 50% não se sinta representada e 47% relate notá-los apenas ocasionalmente (Tabela 1).

Tabela 1 – Síntese dos resultados do questionário aplicado

1. Com que frequência você nota a presença de monumentos na cidade?			2. Você acha importante a existência destes monumentos?		
	Respondentes	(%)		Respondentes	(%)
Frequentemente	18	20%	Às vezes importante	8	9%
Muito frequente	6	7%	Importante	48	55%
Nunca	4	5%	Moderado	16	18%
Ocasionalmente	41	47%	Muito importante	12	14%
Raramente	19	22%	Não é importante	4	5%



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

Total	88	100%	88	100%
3. No trajeto cotidiano, você passa por monumento(s) na cidade de Santa Rosa? Se sim, qual(is)?	Respondentes	(%)	4. Você se sente representado(a) por este(s) monumento(s)?	Respondentes (%)
Sim	54	61%	Em parte	6 7%
Não	28	32%	Indiferente	2 2%
Não sei	6	7%	Não	44 50%
			Não passo por eles	2 2%
			Não sei	2 2%
			Sim	32 36%
Total	88	100%	Total	88 100%

Fonte: Autoria própria, 2023.

Ao interrogar “O que você entende por monumento?” as respostas vão de “algo antigo” e “algo que se tem como referência” para “uma forma de homenagear pessoas que tiveram significado na história” e “espaço de preservação histórico”. Sobre a presença de tais objetos, atesta-se sua importância através de declarações como: “nos instiga a saber mais sobre nosso passado”, “além de divulgar a cultura local, contribui com a paisagem”, “acho necessário, um meio para deixar os visitantes e moradores mais informados sobre a história da cidade”. Todavia, isso não se relaciona com o senso de representatividade, visto que 69% da amostra considera sua presença importante ou muito importante, mas 50% não se sente representada pelos monumentos. O mais expressivo nessa falta de identificação se mostra através de afirmações como “sinto que eles representam a cidade de Santa Rosa, mas não me identifico com eles” e “porque se limitam a homenagear pessoas específicas”. Concomitantemente, os monumentos mais citados na Questão 3 foram o monumento em homenagem ao goleiro Cláudio Taffarel (23 menções) e o Pórtico da Terra da Xuxa (16 menções), totalizando uma porcentagem de 44% da amostra que passa por eles em seu cotidiano, reconhecendo-os como figuras importantes, mas não necessariamente como representantes dos habitantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade é a revelação do imaginário social da população, manifestando-se através dos elementos urbanos na medida em que é vista e experienciada. Os monumentos refletem a sociedade, sendo passíveis de interpretação e transformação temporais, onde seu significado se altera conforme o sentido emprestado a ele por seus observadores. Isso elucida o questionamento atual de quem é representado no espaço urbano e alude ao apagamento que subtrai das cidades a presença dos grupos sociais historicamente desfavorecidos (Berth 2023), gerando uma falta de representatividade constatada na investigação da população santarosense. Essa falta reflete a construção histórica de identidade coletiva, onde, mesmo sem a identificação do indivíduo com o monumento, existe a constatação de seu papel como marco memorial, histórico, referencial e recurso pedagógico. Assim, o senso comum de monumento histórico comprova a definição da Carta de Veneza, englobando o marco referencial de Lynch e o atributo intrínseco de Choay.

Em contraponto, somente a inserção destes elementos simbólicos não significa que haja reconhecimento por parte da população, visto que muitos passam despercebidos, mesmo estando localizados em pontos centrais, destacando a escassez destes elementos em bairros periféricos. A



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

significação cultural ocorre, portanto, através da percepção e do imaginário social, onde o monumento é fator contribuinte na formação e manutenção de uma identidade coletiva, mesmo que esta seja restrita a um pequeno recorte da população, e na relação desta com a cidade.

REFERÊNCIAS

Alves, Rahyan de Carvalho e José Antônio Souza de Deus. 2020. "Memória, afeição ao lugar e política: um olhar sobre o patrimônio em seus enredos derivados da geograficidade humana." *Revista Cerrados* 18, no. 1: 352-372. <https://doi.org/10.46551/rc24482692202005>

Berth, Joice. 2023. *Se a cidade fosse nossa*. São Paulo (SP): Paz & Terra.

Choay, Françoise. 2017. *A alegoria do patrimônio*. Traduzido por Luciano Vieira Machado. São Paulo (SP): Estação Liberdade.

Cymbalista, Renato e Feldman, Sarah e Kuhl, Beatriz Mugayar. (orgs). 2017. *Patrimônio cultural: memória e intervenções urbanas*. São Paulo: Annablume/Núcleo de Apoio e Pesquisa São Paulo.

Ferraz, Marcelo Carvalho. 2011. *Arquitetura conversável*. Rio de Janeiro (RJ): Beco do Azougue.

Ferreira, Abílio. 2021. "Decisão de instalar uma estátua como a de Borba Gato é mais violenta do que a de queimar". Entrevista concedida à CBN. Acessado em 28 de março de 2023. <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/348091/decisaode-instalar-uma-estatuacomo-de-borba-gato.htm>.

Freire, Cristina. 1997. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo (SP): SESC: Annablume.

Foucault, Michel. 1994. "Espaço e poder: entrevista a Paul Rabinow." *Revista do Patrimônio* n. 23: 139-146.

Halbwachs, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. Traduzido por Laurent León Schaffter. São Paulo (SP): Edições Vértice.

Icomos. Carta de Veneza. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. Maio de 1964. Portal IPHAN. <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>

Keiber, Fernando. 2021. Nota Oficial. Prefeitura Municipal de Santa Rosa, Conselho Municipal de Política Cultural.

Lefebvre, Henri. 2006. *A produção do espaço*. Traduzido por Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

Lynch, Kevin. 2011. *A imagem da cidade*. Traduzido por Jefferson Luiz Camargo. São Paulo (SP): Martins Fontes.

Manetto, Francesco e David Marcial Pérez. "Substituição da estátua de Colombo divide os especialistas: decisão inteligente ou golpe à memória." *El País*, 12 set 2021. <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-09-12/substituicao-da-estatuade-colombo-divide-os-especialistas-decisao-inteligente-desatino-e-golpe-a-memoria.html>



Meneses, Ulpiano Toledo Bezerra de. 1998. "Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público." *Estudos Históricos* 11, n. 21: 89-103. <https://repositorio.usp.br/item/000982130>

Nora, Pierre, e Tradução: Yara Aun Khoury. 2012. "ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES". *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História* 10 (outubro). <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>

Reis, Antônio Tarcísio da Luz e Lay, Maria Cristina Dias. As Técnicas de APO como Instrumento de Análise Ergonômica do Ambiente Construído Gramado, RS: Curso III Encontro Nacional - I Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído, ANTAC - Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 1995.

Rocha, Ricardo de Souza. 2022. "A Noção de Monumento: do mármore ao incômodo." *Patrimônio e Memória* 18, n. 1: 421-439. <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1421>

Rolnik, Raquel. 1994. *O que é cidade?*. São Paulo (SP): Brasiliense S.A.

Santa Rosa, Prefeitura Municipal de. Acessado em 27 de fevereiro de 2024. https://prefeitura.santarosa.rs.gov.br/?page_id=49

Scarelli, Rafael Dias. 2021. "'Continua a Febre Dos Monumentos': A Estatuomania Na Imprensa Do Rio De Janeiro (décadas De 1880 a 1930)". *Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material* 29 (dezembro): 1-48. <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e60>.

Serbena, Carlos Augusto. 2003. "Imaginário, ideologia e representação social." *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas* 4, n. 52 (dezembro): 2-13. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1944>